



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA - UFBA**  
**FACULDADE DE COMUNICAÇÃO SOCIAL**  
**HABILITAÇÃO EM JORNALISMO**

**JOSIVAN VIEIRA RAMOS**

**ELAS:**  
**A REPRESENTATIVIDADE FEMININA NA AGRICULTURA FAMILIAR**

**Salvador - Ba**

**2023**

**JOSIVAN VIEIRA RAMOS**

**ELAS:  
A REPRESENTATIVIDADE FEMININA NA AGRICULTURA FAMILIAR**

Trabalho de conclusão de curso de graduação em Comunicação Social, habilitação em jornalismo, Faculdade de Comunicação, Universidade Federal da Bahia, como requisito para obtenção do grau de Bacharel em Comunicação Social – Jornalismo.

Orientador: Prof. Rodrigo Rossoni.

**Salvador - Ba  
2023**

**JOSIVAN VIEIRA RAMOS**

**ELAS:  
A REPRESENTATIVIDADE FEMININA NA AGRICULTURA FAMILIAR**

Trabalho de conclusão de curso de graduação em Comunicação Social, habilitação em jornalismo, Faculdade de Comunicação, Universidade Federal da Bahia, como requisito para obtenção do grau de Bacharel em Comunicação Social – Jornalismo.

**BANCA EXAMINADORA**

---

Orientador: Prof. Rodrigo Rossoni

---

Examinador 1: Profa. Joelma Stella

---

Examinador 2: Prof. Leonardo Reis

## RESUMO

Este memorial descritivo nomeado de *Elas*, foi realizado entre os anos de 2021 e 2023, como Trabalho de Conclusão de Curso em Comunicação Social com Habilitação em Jornalismo, pela Universidade Federal da Bahia. Toda pesquisa realizada, através de uma produção independente, teve como produto final um fotolivro, que retrata a realidade de quatro gerações de uma família com quatro mulheres através de uma narrativa fotográfica contemporânea. Os registros apresentados trazem como espaço de pesquisa a comunidade rural da Capivara, pertencente ao município de Caculé-Ba, lugar onde essas mulheres mostraram que a união e a força feminina são capazes de quebrar as barreiras do machismo, mesmo em ambientes tão conservadores como o da agricultura familiar. Esta pesquisa traz reflexões direcionadas ao espaço político ocupado pelas mulheres e a relevância social dessa extensão das tradições dentro de uma mesma família.

**Palavras-chaves:** Fotolivro; Fotografia; Produção independente; Mulheres; Machismo; Força feminina; Família; Agricultora Familiar.

## ABSTRACT

This descriptive memorial named *Elas*, was carried out between the years 2021 and 2023, as a Course Completion Work in Social Communication with Qualification in Journalism, by the Federal University of Bahia. Every research carried out through an independent production had as final product a photobook that portrays the reality of four generations of a family with four women through a contemporary photographic narrative. The records presented bring as research space the rural community of Capivara, belonging to the municipality of Caculé-Ba, a place where these women showed that the union and the feminine strength are capable of breaking the barriers of machismo, even in environments as conservative as the of family farming. This research brings reflections directed to the political space occupied by women and the social relevance of this extension of traditions within the same family.

**Keywords:** Photobook; Photography; Independent production; Women; Male chauvinism; Female strength; Family; Family Farmer.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1- Mapa de referência do Sertão Produtivo.....	09
Figura 2 - Mapa do município de Caculé.....	14
Figura 3 - Geovana Côrtes, Lar, Elos, 2018.....	19
Figura 4 - Josivan Vieira, <i>Colheita</i> , Elas, 2023.....	23
Figura 5 - Josivan Vieira, <i>Matriarca</i> , Elas, 2023.....	23
Figura 6 - Josivan Vieira, Elas, 2023.....	25
Figura 7 - Josivan Vieira, Elas, 2023.....	25
Figura 8 - Josivan Vieira, Adriana, Elas, 2023.....	25
Figura 9 - Josivan Vieira, Plantação de mandioca, Elas, 2023.....	26
Figura 10 - Josivan Vieira, Tayná - filha de Adriana, Elas, 2023.....	27
Figura 11 - Josivan Vieira, quiabo e alface, Elas, 2023.....	28
Figura 12 - Josivan Vieira, quiabo e alface, Elas, 2023.....	28
Figura 13 - Josivan Vieira, <i>Família</i> , Elas, 2023.....	29
Figura 14 - Photos of British Algae: Cyanotype Impressions', de Anna Atkins.....	31
Figura 15 – Walker Evans, American Photographs, 1938.....	32
Figuras 16 - Preto e Branco de Fabricio Costa.....	37
Figuras 17 – Preto e Branco de Fabricio Costa.....	37
Figura 18 Pôr do Sol – Salvador Bahia.....	38
Figura 19 – Pôr do Sol – Salvador Bahia.....	38
Figura 20 - Josivan Vieira, Elas, 2023.....	39
Figura 21 - Josivan Vieira, Elas, 2023.....	39
Figura 22 - Josivan Vieira, <i>Fotolivro</i> , Elas, 2023.....	40
Figura 23 – Josivan Vieira, <i>Fotolivro</i> , Elas, 2023.....	41
Figura 24 – Josivan Vieira, <i>Colheita1</i> , Elas, 2023.....	42
Figura 25 – Josivan Vieira, <i>Fotolivro</i> , Elas, 2023.....	43

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>07</b>
<b>1 O SER MULHER NA AGRICULTURA FAMILIAR.....</b>	<b>11</b>
<b>1.1 O incentivo.....</b>	<b>14</b>
<b>2 O DIÁLOGO FOTOGRÁFICO.....</b>	<b>17</b>
<b>2.1 A união faz a força.....</b>	<b>20</b>
<b>2.1.1 O foco da escolha.....</b>	<b>27</b>
<b>3 O PERCURSO.....</b>	<b>32</b>
<b>3.1 A produção do fotolivro.....</b>	<b>36</b>
<b>3.1.1 Informações técnicas.....</b>	<b>39</b>
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>40</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>42</b>

## INTRODUÇÃO

Pensando na importância social da agricultura familiar e em seu papel fundamental no que diz respeito à produção de alimentos orgânicos, a sustentação de vidas e o seu potencial de ascensão econômica das famílias que vivem desse meio de produção, tanto na Bahia como no Brasil, o fotolivro *Elas*, produto concebido por meio desta pesquisa, traz através da fotografia a memória e vivência de quatro trabalhadoras da agricultura familiar residentes da zona rural de Caculé. Este trabalho foi produzido após anos de leitura, pesquisa e conversa que me levaram a entender através desse universo, como as mulheres atuam nesses espaços e como funciona a perpetuação dessa cultura dentro das futuras gerações.

A pesquisa se iniciou junto ao interesse pela construção de um produto que pudesse trazer recortes da vivência e das ações que movimentam as entranhas da agricultura familiar no interior da Bahia, mais especificamente na zona rural do município de Caculé-Ba. O interesse pela pesquisa não surge durante o período em que eu estava cursando o componente COM 116, naquele instante, diante das provocações realizadas pela docente e pelo conteúdo absorvido, o interesse era direcionado para realidades de um cotidiano soteropolitano, que tem como referência, fotografias de Verger e de outros fotógrafos que usavam da sua arte para contar um pouco da história do cotidiano soteropolitano através das suas fotografias. O primeiro trabalho escrito tinha como objetivo adentrar a rotina de vida dos ambulantes da Praia do Porto da Barra em Salvador, para contar um pouco das histórias através das fotografias realizadas e expostas no fotolivro.

*Elas* nasce fruto de uma interferência geográfica, e um tensionamento causado pelo conhecimento de novos espaços. Foi através da aproximação com a realidade de agricultoras do interior, que a pesquisa começou a tomar novos rumos e o trabalho de fato começou a nascer. A partir disso, foram iniciadas pesquisas, conversas e aprofundamentos sobre a realidade da agricultura familiar no país e na Bahia, e o poder da mulher nestes espaços.

Os avanços das atividades no campo no Brasil foram reconhecidos internacionalmente em meados de 2014 e chegou a atingir milhões de brasileiros, permitindo a ascensão da população rural à classe C (BAHIA, 2014). Esse reconhecimento foi expandido, e segundo informações do IBGE cerca de 74% da



mão de obra no campo é direcionada à agricultura familiar, o que positivamente corresponde a 33% do PIB agropecuário do país (IBGE, 2010).

Em se tratando de Bahia, estado onde fica localizada a cidade responsável por ilustrar este trabalho, a agricultura familiar corresponde a 762 mil estabelecimentos, e aproximadamente 3,8 milhões de agricultores e agricultoras atuando nesse segmento social (IBGE, 2010).

A agricultura familiar não é só uma das grandes responsáveis por produzir alimentos e ascender economicamente parte da população rural baiana, ela também é importante por ser caracterizada como um modo de produção próprio e ser rica em cultura, além de permitir uma melhor relação dos agricultores com a natureza, impactando positivamente a preservação da paisagem rural e o fortalecimento dos movimentos culturais praticados nesses espaços.

O Censo Agropecuário de 2006 traz dados apontando a agricultura familiar como representante da ampla maioria dos espaços econômicos rurais, totalizando 84,4% do total de estabelecimentos, o que corresponde a 4.367.902 unidades. Vale ressaltar que isso equivale a somente 24,3% da área explorada pela agropecuária no Brasil (IBGE, 2006).

Este trabalho nasceu na cidade, mas a sua raiz veio da roça, mais especificamente da zona rural de Caculé, município do interior baiano, que possui 23.407 habitantes (IBGE, 2021), fica localizado na zona fisiográfica da Serra Geral, pertencente à região Sudoeste do estado da Bahia e está entre os 19 municípios baianos que integram o Sertão Produtivo.

Os municípios do TI Sertão Produtivo estão localizados na mesorregião Centro Sul Baiano, e na região econômica Serra Geral, com exceção do município de Luiú. Forma divisa com os TI's Bacia do Paramirim, Chapada Diamantina, Médio Rio de Contas, Vitória da Conquista e Velho Chico, além de parte do Estado de Minas Gerais (ASSUNÇÃO, 2015) (Figura 1).

Figura 1- Mapa de referência do Sertão Produtivo.



Fonte: SEI/SEPLAN (2012)

Entendendo as nuances da agricultura familiar e a sua relevância no crescimento e desenvolvimento do município de Caculé, foi necessário adentrar a Comunidade da Capivara, uma das principais comunidades produtoras de hortaliças do município, para entender melhor como funciona a relação de quatro mulheres de uma mesma família, que mantém por três gerações os mesmos meios e formas de produção dentro de suas lavouras e criadouros de aves e suínos.

Além de trazer detalhes sobre a agricultura familiar e o seu contexto dentro da realidade de uma comunidade no interior do estado, o trabalho consiste também na amostragem da força dessas mulheres e de como o contato delas com o campo nos leva para um ambiente de resistência e empoderamento feminino, mesmo sofrendo forte pressão e preconceito no ambiente rural, principalmente pelas questões culturais, oriundas de gerações passadas que classificam mulheres como seres frágeis, colocando as ações de força dentro da produção rural como algo de segundo plano para as mulheres, devido ao esforço necessário para realizar tais ações (GUBERT et al., 2020).

Mesmo a sociedade classificando as mulheres como sexo frágil por parte da cultura machista do país, elas seguem mostrando que são maiores do que qualquer fala ou ação. Em se tratando de agricultura familiar, cerca de 12,68% dos estabelecimentos rurais possuem mulheres como representantes, e 45% dos produtos plantados e colhidos dentro desses estabelecimentos, também são realizados por mulheres (IBGE, 2006).

Mesmo sabendo dos problemas existentes e de todo machismo presente, escolher uma família onde quatro mulheres seguem fazendo seu trabalho e sustentando suas casas, tem um significado muito importante para este trabalho. É através da força dessas mulheres e de todas as barreiras enfrentadas por elas, para manterem suas famílias de pé, que o *Elas* toma forma.

Este trabalho além de aproximar realidades diferentes, busca desassociar narrativas machistas, que insistem em permanecer em nossa sociedade. É através da fotografia, que este fotolivro apresentará realidades, permitindo uma melhor aproximação de pessoas a um universo às vezes tido como distante. Com imagens do cotidiano - de dentro e fora das lavouras e suas casas -, o produto possui uma construção imagética necessária para fortalecer e reafirmar a importância das ações femininas que movimentam e fortalecem a agricultura familiar na nossa região.

Quando se fala de imagens do cotidiano, não são as fotografias das ações comuns realizadas por qualquer agricultor em qualquer parte do país. É de alta relevância entender que para retratar um trabalho que até hoje é feito de forma braçal e artesanal, é preciso registrar detalhes que saltem as fotografias e mostrem ao leitor como o processo é realizado, e toda essa construção não está ligada apenas a lavoura e a produção em si, mas também no convívio das famílias, e na forma que essas pessoas tocam as suas vidas e relações com a sociedade.

Não existe uma construção narrativa pré-formatada, onde as fotos serão tiradas apenas com o objetivo de mostrar um espaço de trabalho ou uma ação. O trabalho consiste na amostragem de fotografias que aproximem o leitor da realidade ali apresentada. Em um trabalho como este, não dá para se limitar em fotografar apenas as mãos que plantam e colhem, é necessário apresentar mais detalhes, mostrar que tudo ali está em constante diálogo, desde o quadro com a imagem de Jesus Cristo, em cima da mesa que fica na sala da casa, ao filtro de barro que fica escorado em uma bancada ao lado da geladeira.

## 1 O SER MULHER NA AGRICULTURA FAMILIAR

A agricultura familiar é um setor importante para a economia brasileira e as mulheres têm um papel fundamental nesse espaço e na perpetuação desse modo de cultivo nas mais diversas regiões do país. Elas estão presentes em várias etapas do processo produtivo da agricultura, desde o plantio até a colheita e beneficiamento.

No Brasil, a realidade dessas mulheres ainda é marcada por problemas sociais já estabelecidos historicamente, e que seguem gerando desmerecimento ao esforço realizado por essas agricultoras. O patriarcalismo e a onda conservadora seguem encontrando espaço nessas regiões, e acabam gerando desvalorização da mão de obra feminina, nos espaços de produção agrícola familiar.

Essas mulheres costumam ser direcionadas aos afazeres domésticos e não podem adentrar a produção, visto que os homens acreditam que o tipo de trabalho realizado por eles requer muita força, o que não seria feito com maestria por suas filhas, esposas e demais parentes do sexo feminino.

O grupo de quatro mulheres que ilustram este trabalho mostra como o incentivo e a valorização da força feminina afasta delas essa realidade patriarcal e conservadora que ainda se mantém forte em nosso país. Quem são as quatro mulheres que dão vida e sentido a este trabalho? Maria de Lourdes, 78 anos, mãe de Lucineia Soares Costa, 38 anos, Adriana Soares Costa, 46 anos, e avó de Tayná Soares Dias (16). Foi através do conhecimento da história dessas mulheres que pude relembrar dos “causos” contados pela minha mãe, Dona Neuza, que sempre pontuava detalhes da sua realidade nas lavouras do seu pai, dono da propriedade, mas que tentava a todo custo evitar que suas filhas trabalhassem no plantio e colheita, devido ao trabalho braçal. A minha mãe e suas irmãs, só restavam os afazeres de casa, mas mesmo assim, segundo as histórias contadas por ela, todas as irmãs fugiam constantemente para plantação de feijão para “dibuiar” os caroços em uma bacia de alumínio. Graças aos diversos avanços político-sociais, essa realidade vivenciada há décadas atrás pela minha mãe e possivelmente por Dona Lourdes, Néia e Adriana, não é tão latente na vida de Tayná, que é uma jovem de 16 anos.

Há alguns anos, o Governo Federal tem buscado incentivar a permanência dessas e outras mulheres, lançando programas que incentivem a produção de

alimentos orgânicos, a exemplo do PAA, “Programa de Aquisição de Alimentos (PAA), criado pelo art. 19 da Lei nº 10.696, de 02 de julho de 2003, que possui duas finalidades básicas: promover o acesso à alimentação e incentivar a agricultura familiar”. (BRASIL, 2012).

Segundo levantamento realizado pela Companhia Nacional de Abastecimento (Conab), o número de mulheres agricultoras vendendo seus produtos oriundos da agricultura familiar para o PAA aumentou 80% no ano de 2019. Com o incentivo realizado pelo Governo Federal e o engajamento nas pautas e demandas sociais, as agricultoras também passaram a participar de forma mais efetiva das feiras agroecológicas e atualmente já ocupam mais cadeiras nas associações de agricultores.

A constante procura por autonomia dessas mulheres faz da agricultura familiar um imenso espaço de compartilhamento e crescimento do poder feminino e da proliferação da autossuficiência dessas mulheres. É nesse espaço que elas conseguem mostrar que o domínio da área é possível, e nem sempre é necessário ter o comando de um homem para fazer as coisas darem certo. Um exemplo claro disso é o espaço que frequentei para produzir este fotolivro, onde a força e a união de quatro mulheres dispensa qualquer força braçal masculina.

Na agricultura familiar a busca por essa autonomia não se difere do mercado de trabalho formal, onde cada vez mais mulheres participam de forma efetiva e representam uma parcela importante na base da renda familiar brasileira. Para o Ministério do Trabalho e Emprego, a participação das mulheres no mercado de trabalho cresceu mais do que a dos homens no ano de 2012. O crescimento foi de 3,89%, e com isso, as mulheres passaram a representar 42,47% da força de trabalho (SOUZA; PLEIN, 2015).

Ao fazermos o recorte de quantas mulheres estão à frente desse trabalho nos meios de produção da agricultura familiar no país, os números também são expressivos. No Brasil 45% da produção de alimentos é produzida através do trabalho de mulheres. O número de agricultoras que lideram propriedades rurais no país aumentou de 12,68%, em 2006, para 18,64% em 2017, as informações são do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). É o caso da família de Dona Lourdes em Caculé, onde as hortas e demais espaços da fazenda são liderados apenas por mulheres.

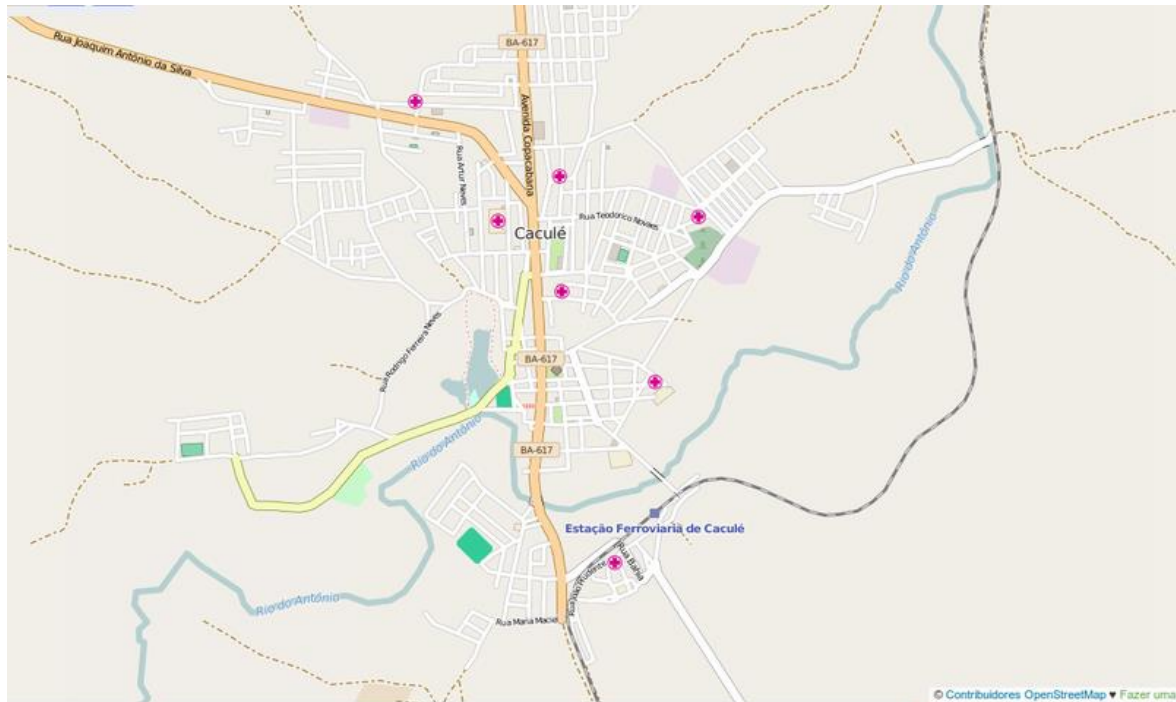
A escolha da agricultura familiar, tendo mulheres à frente desse processo de produção, foi direcionada também pela diferença entre esse modo de cultivo e os demais tipos de agricultura existentes no Brasil. Isso porque a relação entre terra, trabalho e família são três fatores que diferenciam a agricultura familiar das outras formas de agricultura (SILVA; JESUS, 2010).

Outro fator que direcionou essa escolha é o fato da agricultura familiar se diferenciar do trabalho camponês, devido a possibilidade de se assimilar a elementos da produção não familiar. Lamarche (1993) pontua que é possível dizer que a exploração camponesa é familiar, mas nem toda exploração familiar é camponesa.

O aprofundamento da pesquisa e a aproximação das vivências, através das histórias contadas pelas personagens entrevistadas, permitiu ao trabalho uma melhor fruição na sua construção e concepção. Sendo possível também um melhor entendimento da relação dessas quatro mulheres com esse espaço de convivência e trabalho, que por muito tempo foi ocupado por homens. Essa realidade, como já citado no texto, não é algo exclusivo do município de Caculé. A ocupação desses espaços tem sido frequente também em outros estados brasileiros.

Na Bahia, diversos municípios têm em sua base cultural e econômica uma forte ligação e dependência com a agricultura familiar, como é o caso de Caculé (Figura 2), onde a agricultura familiar é uma das principais atividades econômicas, sendo destaque em feiras e eventos locais, a exemplo da FEAF, Feira da Agricultura Familiar que costuma reunir cerca de quatro mil agricultores e agricultoras, e é realizada no município.

Figura 2 - Mapa do município de Caculé.



Fonte: Google Maps

Para tentar entender esse processo e como funciona a agricultura familiar, é importante pontuar como tudo começou e quais foram e ainda são os obstáculos enfrentados. Entre os desafios encontrados, estão a restrição de ampliação e evolução inicialmente no núcleo familiar, migrações internas, questões ambientais e o mais latente e importante, a resistência às ações do agronegócio no país.

Um dos fortes motivadores para o surgimento desse modo de produção foi incentivado a partir de um processo colonizador, tendo como forte influência, aspectos políticos, econômicos e sociais tanto dos últimos séculos e até mesmo da década passada. A agricultura familiar no Brasil surge como uma forma de produção alternativa à monocultura e ao latifúndio do período colonial, fortalecendo-se com os impactos sociais, culturais e ambientais ocasionados pela “revolução verde” a partir da década de 1950 (SILVA; JESUS, 2010).

Mesmo após o surgimento da agricultura familiar, parte da população do estado da Bahia, que detém uma das maiores populações rurais do país (COUTO FILHO, 2007), também viu o agronegócio crescer. Esse crescimento tem direcionado interesses e empurrado pequenos produtores para uma situação de apagamento de suas identidades e processo histórico. A produção de produtos oriundos da

agricultura familiar tem sido suprimida pelas ofertas e os interesses dos grandes empresários.

Em Caculé, cidade foco da minha pesquisa, a força do agronegócio ainda é tímida, mas já é possível notar um aumento descontrolado da criação de bovinos, e uma crescente no número de sítios grandes, que têm sido construídos de forma irregular na bacia do Rio do Antônio, - principal afluyente de abastecimento dos pequenos produtores, que hoje tem o seu leito seco, - devido às construções de mini represas para abastecimento dos sítios que foram construídos ao longo do percurso que o rio faz entre as fazendas do município.

### **1.1 O incentivo**

Na Bahia, graças à preocupação do governo do estado, que tem utilizado a Secretaria Estadual de Desenvolvimento Rural (SDR) como parte principal do processo de valorização dessa cultura, houve um bom direcionamento de investimentos para a rotina de produção de diversas famílias espalhadas pelo estado. Em Caculé, o trabalho da SDR é aplicado através dos fomentos direcionados às cooperativas que incentivam e investem no processo de produção da agricultura familiar - dentro e fora das lavouras, como a exemplo da Cooperativa de Trabalho, Assessoria Técnica e Educacional para o Desenvolvimento da Agricultura Familiar – COOTRAF<sup>1</sup>.

Além de oferecer um serviço técnico com uma equipe especializada, a COOTRAF também direciona às famílias ações de valorização e incentivo à diversidade. Durante o ano, diversas palestras são oferecidas, com o objetivo de unir forças, principalmente entre as mulheres, para que o trabalho no campo continue gerando renda e alimento para as mesas das famílias produtoras. A ação de cooperativas contribui para a valorização do processo e perpetuação da cultura. É dando espaço e incentivo às famílias que a produção artesanal de diversos produtos naturais têm ganhado mais força.

Diante das novas práticas de cultivo e da valorização dada pela gestão estadual, a agricultura familiar em Caculé está longe de sofrer um apagamento.

---

<sup>1</sup> Criada em 1º de maio de 2004, rege-se pelas disposições legais relativas ao cooperativismo, por um estatuto e pelas diretrizes e decisões de seus órgãos deliberativos, sendo uma entidade sem fins lucrativos.



Novos processos estão sendo aplicados nas produções familiares, gerando de forma positiva uma maior diversidade no cultivo de verduras, folhas e legumes.

Além da ajuda na produção de alimentos, programas como o de Assistência Técnica e Extensão Rural (ATER), tem levado conhecimento para produtoras, através de uma equipe multiprofissional. Isso tem facilitado a vida dessas mulheres que hoje conseguem exercer e aplicar com mais qualidade o aprendizado, na criação de animais e no processo de cultivo das mais diversas espécies de legumes, hortaliças e demais produtos cultivados.

Fortalecer esses espaços é permitir que a cultura permaneça viva, pois são dessas regiões que parte dos produtos que alimentam as famílias, e dão sabor às mais diversas tradições culinárias do território são retirados. Incentivar e valorizar a agricultura familiar, é permitir que a identidade do povo catingueiro seja mantida viva e forte. Em minha família, toda construção de identidade foi cultivada entre as hortas dos meus avôs e avós, paternos e maternos. Foi na fazenda Comocoxico e na fazenda Mocambo que meus pais deram continuidade a produção agrícola de suas famílias. O processo de plantar, colher e vir à cidade vender permitiu que meus pais se conhecessem. Só que nada era tão simples como parece. Nas histórias contadas pela minha mãe, os pontos mais importantes em suas narrativas, são as lutas diárias enfrentadas por ela e suas irmãs, para conseguir cuidar da casa enquanto jovens. Meu avô paterno, não permitia que suas filhas estudassem, e achava que o progresso só viria com o casamento. Minha avó materna, mesmo sem estudos, fugia dessa lógica e tentava de alguma forma permitir que suas filhas tivessem o mínimo de acesso à educação possível, mas isso não aconteceu, o que ocasionou em uma família onde todas as filhas não conseguiram concluir o ensino fundamental. A lógica hoje não entendida por mim e por muitos pesquisadores era tratada como algo comum na época, visto que o afastamento da roça para a cidade era visto como um problema, e por esse motivo muitas mulheres e homens da época não conseguiram nem mesmo se alfabetizar.

Esse processo de identidade que faz com que todo agricultor se sinta parte daquela terra permaneceu por muitos anos vivo dentro dos meus avós. O acesso mínimo a informações e o interesse pelo crescimento - que muitas vezes não era possível só através da vida no campo - permitiu que meus avós maternos migrassem para a cidade. Essa migração se deu em conjunto ao início da relação entre os meus pais, que mesmo depois de todos os problemas enfrentados, ainda

retornaram para roça - dessa vez na roça da família do meu pai, para poder viver e criar os filhos que estavam por vir.

Montar este trabalho sem contar parte da minha história é fingir que ela nunca existiu, pois, a base da minha família foi totalmente constituída através dos laços criados entre a agricultura familiar e a vida na roça. É através das histórias contadas - principalmente por minha mãe - que esse trabalho também tomará forma e identidade. Mergulhar neste universo pontuado e mostrado aqui através dos registros fotográficos, só é possível devido a todo cuidado que a minha matriarca teve em repassar para nós detalhes de sua vida e do seu processo histórico dentro desse universo da agricultura familiar.

É através dessa proximidade que faço um elo importante entre o assunto e a sua forte ligação com a cultura desse povo e a identidade observada dentro desses espaços de colaboração. A agricultura familiar cria laços, alimenta vidas e segue fortalecendo o sertão produtivo. Rouillé (2009, p. 204) diz que “a imagem se ancora nas coisas e na vivência do fotógrafo, através das suas percepções e seus sentimentos”, é através dessa vivência e desses sentimentos experienciados há anos atrás durante a contação de histórias da minha mãe que esse trabalho se ancora.

## 2 O DIÁLOGO FOTOGRÁFICO

Por se tratar de um fotolivro é importante entender o caminho percorrido pela fotografia desde a sua criação no século XIX até os dias atuais. Entender as diferenças apontadas por Rouillé em *A Fotografia: Entre Documento e Arte Contemporânea*, (2009), foi importante para concepção deste trabalho, por permitir a compreensão do caminho histórico, filosófico e social trilhado pela fotografia até os dias atuais. Como diz o próprio Rouillé, (2009) a fotografia é o objeto do livro, seja em sua pluralidade, suas transformações, do documento à arte contemporânea, sejam em sua historicidade, desde seu aparecimento, na metade do século XIX, até à fusão arte-fotografia da atualidade.

Já no início do livro, Rouillé aponta que no campo das pesquisas, textos e teorias, a fotografia é um objeto novo, o que faz dela um espaço pouco explorado e ignorado por autores e teóricos, o que gera pré-julgamento por parte de outros pesquisadores, “essa falta de interesse direciona às outras artes como a pintura e a gravura mais valor e relevância, visto que outros pesquisadores buscam debruçar mais sobre essas artes” (ROUILLÉ, 2009, p. 16).

De fato, entre escritores aguçados e de renome, a fotografia motivou um conjunto de generalidades e discursos desenvolvidos, fruto de um desconhecimento evidente, e, algumas vezes, entusiasticamente reivindicado. Na maioria dos casos, a pintura de cavalete, ou mesmo a gravura, continuou sendo a norma implícita, e a referência indiscutível. Tudo isso não teria nenhuma importância se outros autores, com o mesmo talento, sustentassem pontos de vista mais apurados. Mas não é o caso (ROUILLÉ, 2009, p. 17).

É através desse pensamento de valorização que Rouillé começa a discussão no livro, com uma mudança de direção, a fotografia é vista por ele “pelo lado direito”, com uma nova perspectiva e com a tentativa de agregar valor à arte explicando todas as suas nuances e relevância. É também através do distanciamento entre a noção de índice peirciano e a noção de ícone do mesmo semiótico americano Charles S. Peirce, que Rouillé aproxima a fotografia da noção de rastro, vendo ela como “uma impressão digital”.

De um lado, a representação, o ícone, a imitação; do outro, o registro, o índice, o rastro. E um conjunto de oposições binárias: o artista e o operador; as artes liberais e as artes mecânicas; a originalidade e a unicidade da obra, contra a similaridade e a multiplicidade das provas (ROUILLÉ, 2009, p. 17).

Para entendermos um pouco mais sobre a fotografia, é importante começarmos do começo. É através de um experimento realizado em 1826 pelo francês Joseph Niépce (1763-1828), que a fotografia surge sobre um papel pela primeira vez após testes com cloreto de prata serem realizados sobre a superfície do papel. Os estudos começaram em 1817, mas foi em 1826 que Joseph conseguiu o seu primeiro resultado positivo.

Até meados da Segunda Guerra Mundial, a fotografia era considerada a ciência capaz de reproduzir mais rapidamente, economicamente e fielmente que o desenho, e se impôs durante um tempo como a ferramenta por excelência, “aquela que a ciência moderna necessita” (ROUILLÉ, 2009, p. 109).

Depois dessa descoberta a fotografia passou a ser admirada por contribuir com a evolução e modernização do saber científico. Foi ela a responsável por abolir qualquer subjetividade dos documentos da época, registrar sem esquecimento nem interpretação. Além de ser a grande responsável por servir de ferramenta para atualizar os valores da sociedade industrial (ROUILLÉ, 2009).

As leituras realizadas contribuíram para um entendimento mais direto do meu espaço dentro da fotografia e estilo fotográfico do fotolivro, que conseqüentemente influenciaram na estética e formato das fotografias tiradas e do tratamento dado aos registros escolhidos para concepção deste trabalho. O percurso realizado me fez entender e construir um trabalho fotográfico documental contemporâneo. Essa fotografia documental pode vir acompanhada de notícias em veículos de imprensa ou em trabalhos, como o fotolivro que nasceu fruto desta pesquisa (DOBAL, 2012). A classificação do contemporâneo se dá devido às diversas mudanças dentro do processo fotográfico no fotojornalismo. Ensaios mais elaborados, com luz artificial e poses direcionadas, teatralidade nas imagens, dentre outras mudanças. É essa escolha que irá permitir um elo mais forte entre o leitor e as fotografias observadas, mas esse trabalho fotográfico documental terá mais sentido se oferecer uma visão geral de um tema através de diversos aspectos, o que se assemelha a uma reportagem jornalística (DOBAL, 2012). Neste trabalho, não houve o uso de iluminação artificial, mas diversas fotografias foram dirigidas por mim, para criar cenas que retratassem melhor o cotidiano das mulheres fotografadas, logo o modo de criação, concepção e pesquisa, transforma este trabalho em um material fotográfico contemporâneo.

O tempo passou e a fotografia segue sendo importante em nossas vidas, é por conta dessa importância que ela é um dos pontos principais deste trabalho, que começou tímido, mas com o caminhar do processo de leitura de referências e na apreciação de outros trabalhos fotográficos com a mesma linha de pesquisa, foi tomando forma e ficando mais robusto e interessante. Novas posturas para lidar com a fotografia – *Elas posam* – As fotografias são combinadas.

Como referência para criação artístico/fotográfica deste trabalho, foi necessário realizar a leitura e apreciação do trabalho de uma ex-aluna da Facom e moradora da região da Chapada Diamantina, mais precisamente da cidade de Palmeiras. A aluna em questão é Geovana Côrtes, que serviu como fonte de inspiração em diversos pontos deste fotolivro por conseguir retratar bem a realidade de agricultores e agricultoras que sobrevivem através da produção de agricultura familiar.

O fotolivro “*Elos: Um olhar sobre agricultura familiar*”, (2018) produzido por ela, traz diversas referências que também foram utilizadas na produção deste material escrito e fotográfico. A leveza na edição das imagens e a forma sutil ao contar cada história me chamou a atenção quando li o material pela primeira vez. O livro apresentado em formato artesanal, uma diagramação leve e serena, passa uma ideia de que estamos de fato entrando em uma plantação para apreciar e admirar a vida e a história daqueles trabalhadores.

Os nossos trabalhos possuem uma abordagem fotográfica semelhante, mas se distanciam do objetivo central, mesmo ambos tendo fotografado produções da agricultura familiar do interior da Bahia. Em seu trabalho, Geovana traz o contato de agricultores e agricultoras com a agricultura familiar como fonte de alimento dentro de um processo de plantar e colher. “*Elos*” (2018) traz em seu interior retratos da conexão entre agricultores de Palmeiras (BA) e o alimento plantado e colhido em suas propriedades, além de abordar detalhes sobre a cultura e identidade do público alvo da sua pesquisa e fotografias.

Algumas imagens expostas no fotolivro criaram uma espécie de ponte entre a realidade fotografada pela autora e a que foi vivida pela minha família décadas atrás (Figura 3). Os pontos relevantes que nortearam o início desta pesquisa já foram citados, mas a mistura de materiais e o consumo de informações preparou o espaço para que as fotografias tiradas a partir das leituras realizadas para criação deste fotolivro fossem surgindo.

Figura 3 - Geovana Côrtes, Lar, Elos, 2018.



Fonte: Geovana Côrtes (2018).

Neste trabalho, o objetivo é mostrar através da história de quatro mulheres de uma mesma família, de quatro gerações diferentes, como a força feminina consegue permanecer firme mesmo em um espaço machista e conservador como o da agricultura familiar.

O machismo ainda afeta de diversas maneiras a vida das mulheres na agricultura familiar. Embora essas mulheres ainda sejam responsáveis por grande parte da produção de alimentos saudáveis no mundo, elas continuam sendo o público mais vulnerável, tanto no que tange a pobreza como na questão da dificuldade do acesso à terra e aos insumos.

Falar sobre a ruptura dessa estrutura machista dentro desses espaços abre precedentes para futuras reflexões e novos impactos positivos na vida dessas e de outras agricultoras. A concepção de todo o trabalho foi fortalecida pelas referências oriundas de livros e projetos fotográficos, além das histórias contadas pelas entrevistadas, que sempre ressaltaram pontos importantes sobre a tradição no ato de trabalhar, no cultivo e na força identitária que a resistência aos novos tempos e aos antigos costumes da sociedade as obriga passar.

## 2.1 A união faz a força

União, cumplicidade e força. Esses são os três aspectos que chamaram mais atenção na relação familiar dessas quatro mulheres moradoras da comunidade rural da Capivara. No processo de criação deste fotolivro, foi possível dialogar com todas essas mulheres e entender parte do movimento realizado por elas para sobrevivência dentro das suas hortas e suas casas.

A primeira mulher entrevistada foi Néia, mais conhecida na região como Néia da Capivara. Ela trouxe diversas pontuações pertinentes acerca do trabalho realizado por ela e sua família nas plantações espalhadas pelas duas roças que todas tomam conta. Em uma conversa descontraída e cheia de muito cuidado, Néia oferece um café com um biscoito de polvilho feito pela sua mãe e começa a contar sobre sua vivência, o processo de trabalho e resistência passados por ela, sua mãe, Dona Maria de Lourdes, sua irmã Adriana e sua sobrinha Tayná, - sendo todas ativas na comunidade e nas lavouras (Figura 4).

Figura 4 - Josivan Vieira, *Colheita*, Elas, 2023.



Fonte: Josivan Vieira (2023).

Durante o café debaixo de um pé de juá, observo Dona Maria descascando e limpando metade de um mamão verde, para ser cortado e vendido na feira livre de Caculé. Ao perceber a limpeza eu questiono o que está acontecendo e todos riem e falam que ela passa horas ali, limpando, picando, para depois embalar em sacos



transparentes que serão levados a barraca onde a neta comercializa os produtos na manhã do próximo dia. Ao perceber que estava sendo observada, Maria levanta uma bacia grande de alumínio e me mostra que muitos já estão cortados e que parte do almoço de hoje vai ser com cortadinho de mamão verde (Figura 5).

Figura 5 - Josivan Vieira, *Matriarca*, Elas, 2023.



Fonte: Josivan Vieira (2023).

Entre as conversas e o café, a minha câmera segue pronta para não perder nenhum momento. Dona Maria, só não percebeu que enquanto ela falava várias fotos foram feitas para registrar aquele momento que com certeza não seria repetido com a mesma intensidade e verdade. Além das fotos de Dona Maria na varanda de casa, fotografei um pilão com colorau que estava debaixo do pé de juá, já pronto para ser embalado. O pó de colorau é feito de forma artesanal para ser vendido na feira e também consumido por Dona Lourdes e suas filhas.

Parte da nossa conversa descontraída também foi pautada nas questões de referências e ancestralidade que permitiram que os ensinamentos da sua mãe fossem passados para ela e que conseqüentemente foram passados para sua irmã e sua sobrinha. Néia se emocionou em diversos momentos e não quis ser fotografada durante a primeira visita. Questionei a ela e a sua mãe o que mudou dos tempos em que começaram até agora e a resposta foi seca, “tudo mudou”. Quando questionadas sobre o que seria esse “tudo”, Néia traz reflexões importantes ligadas a questões de valorização do trabalho no campo, da criminalização do processo de cultivo e banalização das comidas mais saudáveis.

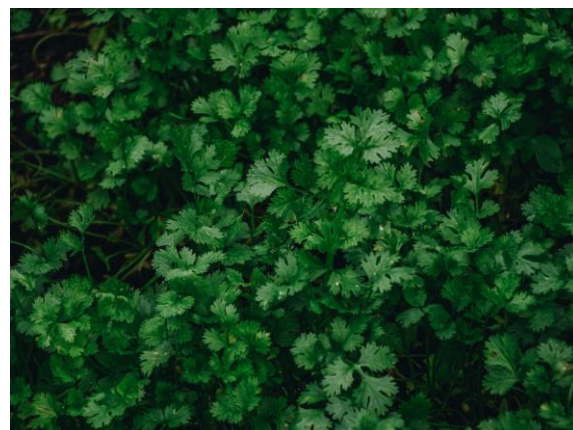
Militante das causas sociais, Néia está sempre pronta para defender as mulheres e a sua forma de vida. A aproximação das pautas gerais transformou a



atuação dessas mulheres no campo, e hoje elas conseguem entender a sua importância e encorajam outras mulheres a crescerem e não dependerem mais de determinadas pessoas.

Na horta cultivada por Néia, Dona Maria, sua irmã Adriana e a sobrinha Tainá, tudo é muito bem cuidado e verde. Tem muito alface, cheiro verde e salsa, além de outros produtos. Além da casa de Néia e do quintal da sua mãe, a frente da casa da sua irmã é tomada por uma horta recheada de hortaliças que deixam o ambiente com um cheiro gostoso e um frescor diferente, apesar da região ser bastante seca (Figuras 6 e 7).

Figuras 6 e 7 - Josivan Vieira, Elas, 2023.



Fonte: Josivan Vieira (2023).

Depois de algumas visitas, foi possível conversar com Adriana, mãe de Tainá e filha de Dona Lourdes. Em frente a casa sentada em um banco improvisado, Adriana nos recebe. Ela está vestida com uma camisa com proteção UV e corta sorridente vários pedaços de mamão verde que são colocados dentro de uma grande bacia de ferro. Durante esse papo Adriana nos conta sobre a sua vida ali no campo, reclama da quantidade de gafanhotos na horta e fala que por conta dele várias hortaliças estão morrendo. Nos levantamos e passeamos pelo quintal, e a cada passo diversos gafanhotos saem voando e ela reclama mais uma vez (Figura 8).

Figura 8 - Josivan Vieira, Adriana, Elas, 2023.



Fonte: Josivan Vieira (2023).

No processo de entendimento de como a produção dentro da sua horta funciona, e quais são os métodos realizados por ela para plantar e colher, Adriana nos leva até a plantação de mandioca para mostrar que é dali que tira o alimento da família e parte dos produtos que serão descascados e levados para serem comercializados na feira livre do município (Figura 9).

Figura 9 - Josivan Vieira, Plantação de mandioca, Elas, 2023.



Fonte: Josivan Vieira (2023).

Entre um papo e outro, Adriana corta as raízes da terra e depois de todo processo nos surpreende ao oferecer uma sopa de mandioca que seria preparada mais tarde para alimentar ela e o marido. A casa é simples, cheia de itens na parte externa, e há alguns anos uma cozinha está sendo finalizada na parte externa da moradia.

Além de bater papo sobre a realidade ali na roça, também conversamos sobre o futuro e Adriana fala sem muito entusiasmo, o motivo: sua mãe foi diagnosticada recentemente com Alzheimer, e isso tem preocupado bastante a família. Essa situação foi motivo para atrasar as visitas à casa de Dona Lourdes, visto que ela poderia não se recordar de mim e isso geraria alguns problemas. Perguntei a Adriana sobre a possibilidade de continuarmos o trabalho, e ela viu na criação do fotolivro uma esperança de ter fotografias da sua mãe e sua família ali, eternizadas. São esses detalhes as vezes despercebido por muitos, que fazem desses trabalhos objetos importantes.

Adriana não mora só, na casa estavam ela e o marido<sup>2</sup> no primeiro dia que visitei, mas na segunda visita consegui me encontrar com Tainá, filha de Adriana que divide a sua rotina morando 15 dias na casa de sua mãe e os outros 15 dias no alojamento da Escola Família Agrícola - EFA, instituição localizada na zona rural de Caculé que oferece o ensino médio atrelado a um curso Técnico em Agropecuária (Figura 10).

---

<sup>2</sup> O senhor Abdias Pereira Dias reside com Adriana na comunidade e trabalha na sede do município. Ele não exerce as funções como agricultor nas hortas de sua esposa.



Figura 10 - Josivan Vieira, Tayná - filha de Adriana, Elas, 2023.



Fonte: Josivan Vieira (2023).

O meu papo com Tayná acontece de forma descontraída. Para ela pergunto sobre o futuro na área acadêmica e ela fala logo “quero fazer medicina”, me surpreendo por imaginar que o interesse dela fosse na área da agricultura, mas ela responde após o questionamento, que aquele espaço é o que ela ama fazer, porém sente vontade de cuidar das outras pessoas, e por esse motivo escolheu a medicina. Adriana sua mãe sorri orgulhosa e faz uma breve pontuação “precisa estudar muito, hein”. Durante a nossa conversa, Tayná chama a sua mãe para ajudar ela na colheita de algumas hortaliças e outros mamões verdes. Antes desse processo, Tayná já havia colhido alface e quiabo na plantação que fica no fundo da casa (Figuras 11 e 12).

Figuras 11 e 12 - Josivan Vieira, quiabo e alface, Elas, 2023.



Fonte: Josivan Vieira (2023).

Finalizada a visita a casa de Adriana, pego o caminho para casa de Dona Lourdes, lá sou recebido pelo cachorro que protege a residência e ao descer da moto a matriarca da família já está esperando na varanda que fica localizada no fundo da casa. Sempre sorridente e brincalhona, Dona Lourdes me cumprimenta e agradece por mais uma visita. Essa é a terceira vez que vou a sua casa, na primeira fiz poucas fotografias e dialoguei pouco com ela, na segunda pude entrar em sua residência e compreender melhor a sua realidade. Foi nesse espaço que encontrei diversos itens que me remeteram à casa da minha avó.

Com Dona Lourdes o papo é curto, não por falta de assunto, mas por ela preferir permanecer mais quieta. Durante a visita a sua casa, as filhas e neta foram comigo, e com isso conseguimos fazer algumas fotos e caminhar mais pelas plantações espalhadas nas proximidades da residência. Depois de um papo mais direto, fomos entrando em alguns espaços e fui questionando a matriarca sobre como era o seu processo de trabalho ali naquela região. Dona Lourdes explica que sempre se dedicou sozinha ao cultivo das suas plantações e aos cuidados dos porcos que ficam no chiqueiro ao lado da casa. Foi ela a responsável por ensinar as suas filhas a plantar e colher as verduras e hortaliças em suas hortas (Figura 13).

Figura 13 - Josivan Vieira, *Família, Elas*, 2023.

Fonte: Josivan Vieira (2023).

Pergunto sobre o tempo de trabalho e ela reflexiva diz que há muito tempo está ali, que nem lembra como tudo começou, mas é categórica ao dizer que não sai dali por nada. Reclamando de alguns machucados nos braços, ela segue a todo o momento reclamando da impossibilidade de continuar agindo da mesma forma que agia antes, mas sorri a cada brincadeira que faz. Pela força exposta por ela em suas falas e postura, é fácil entender de onde veio toda coragem e determinação de suas filhas e neta. Todas juntas formam um elo que faz todo aquele espaço de afeto funcionar bem.

Tantas histórias fazem este trabalho aproximar o leitor de uma realidade que em alguns momentos possa parecer distante. As histórias contadas neste fotolivro através de imagens obtidas objetivam melhor esse ato de aproximação. É desta forma que novas histórias começam a ser contadas e novas pesquisas podem surgir. A criação de um produto fotográfico que valoriza a cultura do interior da Bahia fortalece os laços e aproxima as pessoas.

### 2.1.1 O foco da escolha

A escolha do fotolivro como peça de disposição e divulgação do trabalho se deu devido a sua importância e a frequência com que grandes trabalhos são



expostos nesse formato, que segundo Saccone (2015) integra grandes produções fotográficas no mundo.

É comum todo jovem fotógrafo optar por expor a sua arte através desse formato, tendo em vista que muitos artistas da área da fotografia passaram a ser reconhecidos a partir da publicação dos seus fotolivros, pois é esse o formato mais efetivo para apresentar a visão do fotógrafo para audiência de massa (LAMPERT, 2015).

Mas o que é o fotolivre? O fotolivre é uma forma de expressão artística que une a fotografia com o poder do design, do *storytelling* e da materialidade. Ele transcende as fronteiras do mundo digital e proporciona uma experiência tangível e sensorial, além de ser uma manifestação artística em constante evolução, que oferece uma plataforma criativa para os fotógrafos e uma experiência enriquecedora para os apreciadores de arte e da fotografia.

As informações encontradas na internet datam a criação do primeiro fotolivre entre os anos de 1843 e 1853, que foi criado por Anna Atkins, para ajudar cientistas a identificarem espécimes marinhas. O fotolivre chamado *Photographs of British Algae: Cyanotype Impressions*, foi impresso em cianótipo, criando impressões das amostras da luz que tiveram contato com o papel, gerando assim as fotografias ali expostas (Figura 14).

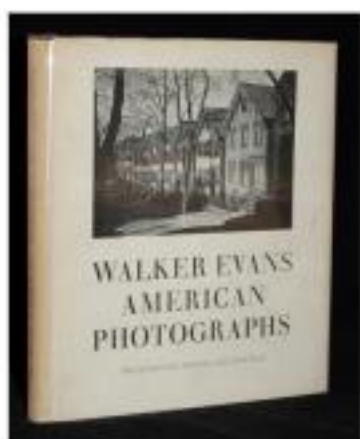
Figura 14 - Photos of British Algae: Cyanotype Impressions', de Anna Atkins.



Fonte: Anna Atkins.

Outros grandes fotógrafos divulgaram seus trabalhos através desse formato e se tornaram referência no assunto. Em 1938, Walker Evans realizou uma exposição e junto a ela foi publicado o fotolivro, *American Photographs*, que até hoje é considerado o exemplar mais importante entre os demais. O trabalho criado por Evans apontou que a fotografia era em essência uma arte literária, onde as fotos ordenadas em uma sequência planejada transmitiam uma mensagem mais forte do que fotos expostas em partes isoladas. O fotolivro criado por Evans não só deu uma ideia de como esse formato era capaz de fazer, mas colaborou para que a sociedade pudesse observar como a fotografia poderia ser. O fotolivro como a própria arte, dotado de estrutura e coerência intelectual (BADGER, 2015) (Figura 15).

Figura 15 – Walker Evans, *American Photographs*, 1938.



Fonte: Walker Evans (1938).

É através deste formato que possui uma imensa potência de comunicação que as minhas fotografias serão apresentadas. A intenção com a escolha é permitir que o leitor adentre ao espaço fotografado, acompanhe, e sinta através das imagens expostas como é viver e sobreviver sendo agricultora em um país como o Brasil. Essas fotos expostas não foram pensadas de forma desconexas e soltas, todo trabalho foi projetado e acompanhado dia após dia para que a proposta de identidade, pensada inicialmente, pudesse funcionar. Todo material exposto e disponível para ser folheado é um mundo apresentado ao leitor, como diz Badger (2015), “é um mundo próprio”.

Embora o fotolivro seja um fim de si mesmo para um número crescente de fotógrafos, muitos ainda o veem como um cartão de visita, uma forma de divulgar a obra e garantir presença nas



galerias. Nos últimos anos, ele se tornou tão internacional que é capaz de levar o trabalho de um fotógrafo a lugares que as galerias não alcançam, ainda que o mercado esteja avançando rapidamente (BADGER, 2015, p. 144).

Além de servir como expositor de arte, o fotolivro pode gerar reflexões políticas a partir do seu conteúdo, não a política ideológica, mas a política gerada a partir das reflexões causadas através da leitura e análise do seu conteúdo. As fotografias falam, e nelas é possível sentir diversas emoções, seja através da edição utilizada, do foco dado ao objeto, ou através da disposição das imagens nas páginas do material criado. Todos os detalhes formam uma narrativa que dialoga diretamente com o leitor que irá folhear o material. A intenção é tencionar e criar vontades, seja de visitar o espaço fotografado ou de pesquisar mais sobre o assunto abordado.

Mesmo sem a junção de textos nas páginas do fotolivro, as fotografias escolhidas durante o processo de diagramação, não foram escolhidas em vão, sem nexos ou sem intenção de contar algo. Absolutamente tudo dentro do fotolivro está atrelado a uma narrativa que conversa diretamente com o leitor sobre a agricultura familiar e a força da mulher dentro desse espaço tão machista e conservador. A potência das imagens apresentadas neste trabalho fala por si só e funciona como a “cereja do bolo”, não é preciso legenda, basta observar e acompanhar a sequência escolhida.

Este trabalho não teria o mesmo significado se as fotos não fossem expostas dessa maneira, a escolha foi definida pensando na experiência criada a partir do encontro entre o leitor e as fotografias expostas. Fotógrafos buscam cada vez mais explorar novos formatos que extrapolam o fotográfico para abordar um tema específico e tornar a experiência de quem vai folhear o seu trabalho mais emocionante (LAMPERT, 2015).

É através dos fotolivros que fotógrafos independentes podem compartilhar seu trabalho de maneira acessível, contornando as barreiras tradicionais do mercado editorial. É dessa forma que novos talentos são descobertos e que diferentes perspectivas e vozes são amplificadas.

Com as referências e entendimentos necessários do que o fotolivro representa para fotografia, *Elas* encontra nesse formato o espaço ideal para direcionamento da narrativa que deseja utilizar para contar a história das quatro agricultoras da zona rural de Caculé. Isso porque o fotolivro é capaz de atravessar as pessoas de forma

mais íntima, gerando reflexões e entendimentos importantes acerca da arte ali exposta. Sabendo de toda importância do material escolhido para expor as fotografias, ele não será o único espaço ocupado por elas. Após a finalização do trabalho, uma exposição também será realizada. Apesar da estética do livro ser bastante atrativa, a sua produção não é tão viável e existe a possibilidade de expor o material fotografado em outros espaços.

A fotografia por si só já é forte, mas atrelada a outras fotografias e, a uma narrativa, ela fica ainda mais forte. A intenção do trabalho é gerar reflexões, sejam elas positivas ou não, mas isso depende de quem está do outro lado observando o material criado pelo artista. Sim, artista, visto que após anos de luta para ser reconhecida como arte, a fotografia conseguiu ocupar o seu espaço, assim como a pintura, que sempre foi reconhecida dessa forma devido a sua complexidade (BADGER, 2015).

Se a fotografia tem a capacidade de expressar o seu real potencial criativo, o fotolivro se tornou um compilado desses detalhes, uma “cesta” cheia de narrativas e possibilidades de interpretação.

### 3 O PERCURSO

O processo de pesquisa e produção do fotolivro *Elas* se iniciou em meados de 2021, após o meu retorno para o interior do estado. Ainda no ponto alto da pandemia da Covid-19 fui desligado da empresa que trabalhava em Salvador (BA) e precisei retornar para a minha cidade, localizada a 640 km da capital. Após alguns semestres dialogando sobre os mais diversos assuntos, entre um componente e outro, a agricultura familiar e a força feminina nunca tinham sido assuntos pensados por mim para compor o trabalho de conclusão do curso em comunicação. A reaproximação das origens e as novas possibilidades apresentadas após o retorno para o interior, me fizeram repensar a minha trajetória acadêmica e as formas que eu poderia abordar alguns assuntos no meu projeto final do curso.

Tudo mudou! O espaço talvez não seja o mais adequado, mas como estou citando parte do percurso percorrido até chegar ao trabalho final, é importante pontuar um trecho marcante em toda essa trajetória. Em 2020 a minha intenção era apenas passar mais uns meses no interior até retornar à capital e seguir com todos os projetos, pessoais e acadêmicos. As surpresas acontecem e elas nem sempre são agradáveis. Após o meu retorno, perdi o meu melhor amigo que também era fotógrafo. Ele residia no interior, mas não quis me encontrar quando cheguei, ele preferiu partir antes. Porque estou contando isso? Porque todo material fotográfico que tenho hoje foi doado por ele através de uma carta direcionada a mim. Retornar ao interior após a minha conclusão de curso nunca foi uma opção, mas depois dessa tragédia, foi difícil encontrar forças para retornar a Salvador. Não dá para citar o percurso sem falar sobre a pior parte dele

No interior consegui um trabalho que possivelmente seria destinado a esse amigo, e foi através do cargo como Chefe de Comunicação do Município que comecei a ter contato direto com o universo da agricultura familiar e as diversas famílias que viviam em comunidades rurais do município.

Após iniciar no novo trabalho e realizar as primeiras visitas, pude observar como a vida de algumas mulheres era vivida e como a minha arte poderia externalizar um pouco do cotidiano e relação dessas agricultoras com a sociedade como um todo. Através de visitas a trabalho comecei a me aproximar de agricultoras atuantes na agricultura familiar, que ao me contarem um pouco de suas histórias,

fizeram crescer em mim uma vontade de direcionar o trabalho para o modo como a ação de cultivo dessas agricultoras permanece viva e forte, mesmo enfrentando os mais diversos problemas trazidos e permeados pelo conservadorismo e o machismo.

O maior temor era conseguir contato direto com essas mulheres, mas a aproximação realizada através da COOTRAF e o trabalho como fotógrafo na prefeitura facilitaram esse contato, e o início do processo de pesquisa e diálogo com essas agricultoras. A conversa com a família foi uma tarefa fácil, visto que elas estavam sempre dispostas a dialogar e contar muito sobre suas histórias e trajetórias. A nossa comunicação sempre muito descontraída era o ponto forte de todos os encontros, foi através desses diálogos que todas as informações expostas neste trabalho foram retiradas após horas e horas de conversa, sem questionários pré-formatados e sem a necessidade de papéis e canetas. Entre um cultivo e outro, entre a limpeza de uma horta e outra, íamos dialogando e trocando informações.

As visitas à comunidade da Capivara, só foram possíveis graças a ajuda da COOTRAF, que sempre disponibilizava os carros para chegarmos a casa das agricultoras. O nosso primeiro encontro aconteceu em 2021, e a partir desse contato outras conversas foram acontecendo para que o amadurecimento do trabalho fosse possível.

Naquela família a agricultura segue sendo o principal meio de sustento de todas as mulheres. Foi através do trabalho realizado inicialmente por Dona Lourdes que todas as filhas começaram a entender o processo de cultivo e como a rotina na roça funcionava. Durante muito tempo, a mãe delas plantava e elas eram responsáveis por limpar e armazenar as frutas, verduras e hortaliças cultivadas no quintal de casa. Hoje, esse cuidado está nas mãos de Tayná, neta de Dona Lourdes que aprendeu com a mãe Adriana a como realizar os trabalhos dentro da lavoura.

A história de Maria de Lourdes Soares Costa, 77 anos, hoje diagnosticada com Alzheimer me conquistou desde o primeiro momento em que a conheci. Foi através da sua simplicidade e atenção que consegui adentrar ao espaço da família e conhecer um pouco mais sobre aquela realidade.

Após a aproximação, foi iniciado o processo de pesquisa e retorno às referências que me encaminharam para o universo da fotografia. Há anos, ainda jovem no interior, meu melhor amigo, - já citado acima, foi o responsável por me apresentar a primeira câmera fotográfica que tive contato. Em Salvador, os fotógrafos Fabricio Costa e Rafaella Dominguez foram os grandes responsáveis por

aproximar a realidade ainda imatura do futuro artista para as diversas possibilidades que a cidade e sua gente poderiam entregar para a fotografia. A admiração pelo trabalho dos dois artistas que fotografam com maestria o cotidiano soteropolitano permitiu que uma amizade fosse criada, e a partir disso as vivências se aproximaram e até encontros para fotografar a cidade começaram acontecer. Essa aproximação e vivência permitiu que centenas de fotografias fossem concebidas e conseqüentemente afluíram em novas ideias, propostas e o pensamento inicial para um trabalho de finalização de curso que foi mudando no decorrer dos anos.

As fotografias de Fabricio Costa, que tem um tratamento final onde o preto e branco são predominantes, sempre chamaram a atenção, através dessas imagens foi possível mergulhar em realidades distantes e permear através da arte em espaços não imaginados (Figuras 16 e 17).

Figuras 16 e 17 – Preto e Branco de Fabricio Costa.



Fonte: Fabricio Costa.

O trabalho de Rafaella Dominguez me aproximou de uma Salvador mais vibrante, solar e com tons quentes. Também apaixonada pela vida na cidade, Rafa como costuma ser chamada, sempre presenteou a todos com lindos clicks, através de recortes marcantes e imponentes da realidade soteropolitana (Figuras 18 e 19).

Figuras 18 e 19 – Pôr do Sol – Salvador Bahia.

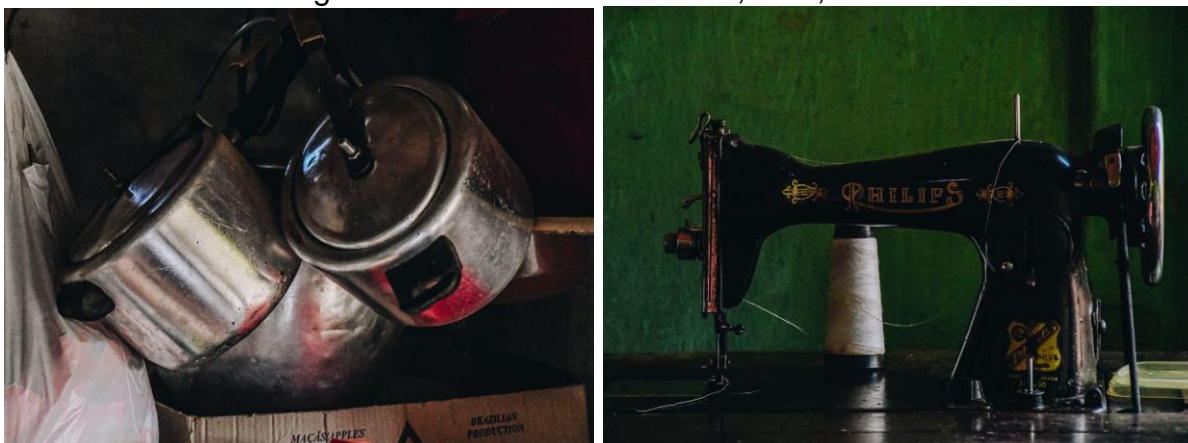


Fonte: Rafaella Dominguez.

Foi nessa rotina nada habitual que em meados de 2015 a minha aproximação direta com a fotografia começou. O contato com Salvador começou em meados de 2013, mas a fotografia foi se aproximando de forma tímida alguns anos depois. Foi fotografando festas de largo e cenas do cotidiano soteropolitano que a paixão pela fotografia de rua e pelos retratos surgiu.

O retrato também foi utilizado neste trabalho para mostrar detalhes e traços dessas mulheres e através desses retratos é possível sentir e perceber a história dessa família. Com a minha câmera pude capturar diversos momentos sensíveis e singulares. A lente apontada para as quatro não era um problema, mesmo com o equipamento direcionado a elas, os papos continuavam e isso me permitiu fotos ainda mais espontâneas. Além dos retratos fotográficos diversos detalhes foram fotografados, e são esses detalhes os grandes responsáveis por contar parte da história dessas mulheres. As painéis presos na parede, os quadros dispostos pela casa, a máquina de costura velha, a geladeira funcionando como armário, o fogão a lenha, a antena parabólica, a casa de pau a pique, o sorriso no rosto e uma vontade gigante de ter a sua história contada (Figuras 20 e 21).

Figuras 20 e 21 - Josivan Vieira, Elas, 2023.



Fonte: Josivan Vieira (2023).

Para além de todos esses pontos já sinalizados sobre cada fotografia, a história não teria encaixe ou sentido se não fosse a narrativa apresentada pela edição e escolha das fotografias capturadas. Foram mais de 700 cliques e apenas 63 foram escolhidos. As fotos estão dispostas numa sequência que permite o leitor entender como a ação do trabalho frente a agricultura familiar foi sendo passada de geração em geração, chegando a atingir todas as camadas desta família. O centro dessa história é a matriarca da família que mesmo diante de tantos problemas enfrentados na sua juventude, e agora na velhice com o Alzheimer, conseguiu educar e orientar bem as suas duas filhas e sua neta. Entre as fotografias dos itens da casa, os closes nas hortas da família e os clicks sobre os processos de cultivo e limpeza dos alimentos, pedaços da história vão sendo contados. O processo fotográfico para concepção do fotolivro foi sendo construído aos poucos, a cada visita e nova história contada, uma nova possibilidade era criada, e assim foi possível chegar ao final deste trabalho.

### 3.1 A produção do fotolivro

A criação do fotolivro Plantar Para Colher envolveu a seleção cuidadosa das imagens, a concepção do projeto gráfico, a criação da narrativa, a escolha dos materiais, a impressão e a montagem final do material. Cada etapa desse processo foi fundamental na criação de uma obra final que transmite a visão e a intenção do material fotografado na comunidade rural da Capivara. Algumas etapas foram



estabelecidas criando um fluxograma que possibilitasse uma melhor fluidez na execução geral do trabalho.

A primeira etapa foi a seleção das imagens. Todo material do acervo de fotografias tiradas em dois anos foi analisado e as melhores fotos foram escolhidas com ajuda do professor e orientador Rodrigo Rossoni. As imagens escolhidas foram aquelas que melhor representam o tema e se adequam a uma narrativa visual coerente, em que as imagens se complementam e se conectam de maneira fluida e conseguem dialogar com o leitor sem a necessidade de aparatos textuais.

Inicialmente havíamos escolhido iniciar o fotolivro com imagens da neta de Dona Lourdes, a jovem Tayná, mas depois de algumas conversas com o meu orientador, pude perceber que contextualizar a família e a união dessas mulheres através dos objetos encontrados e fotografados dentro de suas residências seria mais marcante, por permitir uma conexão mais alinhada e sutil. A casa e todos os itens espalhados ali representam todo o contexto histórico dessa família, foi aquele espaço que viu todos nascerem e crescerem, foi nessa casa que a educação foi dada e todo processo de aprendizado foi sendo realizado. Mudar a disposição das fotografias trouxe mais força para a narrativa e deu o enriquecimento necessário aos objetos fotografados (Figura 22).

Figura 22 - Josivan Vieira, *Fotolivro, Elas*, 2023.



Fonte: Josivan Vieira (2023)

Após uma sucessão de fotos dos objetos, decidi mostrar fotografias de Tayná. Por ser a mais jovem da família de quatro mulheres ela tem um elo importante com toda história por ter continuado exercendo seu papel de agricultora, mesmo tendo



todas as possibilidades de sair daquele lugar. Iniciar os retratos dessas pessoas com ela traz mais força para sequência de perpetuação desse ensinamento passado de geração a geração (Figura 23).

Figura 23 - Josivan Vieira, *Fotolivro, Elas*, 2023.



Fonte: Josivan Vieira (2023)

A série de fotografias foi pensada para que o ponto principal desta pesquisa mostrasse a força de Dona Lourdes ao conseguir manter e educar todas as gerações de mulheres da sua família. Décadas depois, a matriarca da família ainda consegue ver as tradições sendo mantidas e pode desfrutar de momentos especiais, a exemplo do encontro das quatro gerações para colher urucum na principal área de cultivo da família (Figura 24).

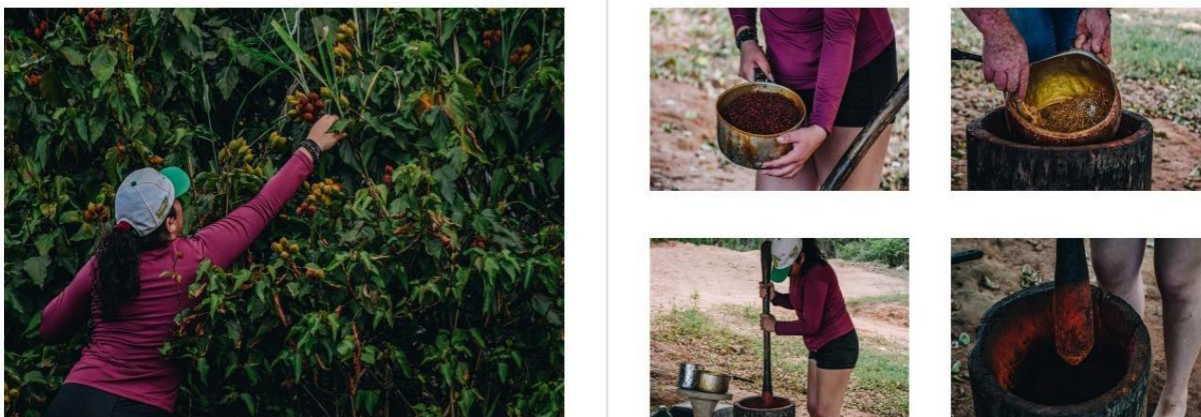
Figura 24 - Josivan Vieira, *Colheita 1*, Elas, 2023.



Fonte: Josivan Vieira (2023).

Depois de realizar a seleção das imagens, o próximo passo foi a concepção do projeto gráfico. Nessa etapa, foi definido junto a designer gráfica o formato do livro, a disposição das imagens nas páginas, a tipografia e se existia de fato a necessidade de ter outros elementos gráficos, como textos ou ilustrações. O nosso objetivo foi criar um fluxo visual agradável e uma experiência de leitura atrativa e impactante, que guie o leitor através das imagens de forma coerente. Após a definição do projeto gráfico, passamos para a fase de criação do layout. Com ajuda da designer, imagens foram posicionadas nas páginas, levando em consideração a composição visual, o equilíbrio e a orientação oriental das informações, garantindo que cada página tivesse um impacto visual único e que, em conjunto, formasse uma narrativa coesa, fazendo o leitor se interessar pelo conteúdo a cada página folheada (Figura 25).

Figura 25 - Josivan Vieira, *Fotolivro, Elas*, 2023.



Fonte: Josivan Vieira (2023)

A escolha dos materiais foi outro aspecto crucial na produção do fotolivro. Desde o papel utilizado nas páginas até a capa e a encadernação, cada detalhe contribuiu para a qualidade final do produto. A textura, o peso, a cor e o acabamento dos materiais devem ser selecionados de forma a complementar e conferir as imagens, adicionando um aspecto tátil e sensorial à experiência de folhear o livro.

Depois de finalizar todo processo de montagem, o arquivo foi encaminhado para uma gráfica em Salvador, onde ocorreu a impressão, união das páginas e fixação da capa. A produção do fotolivro foi um processo totalmente desafiador, pois não tenho conhecimento em designer gráfico, e acabei ficando limitado aos direcionamentos da designer responsável por realizar a diagramação e formatação do fotolivro. A concepção deste produto foi um trabalho que exigiu muita criatividade e paciência.

### 3.1.1 Informações técnicas

- Para a realização do projeto fotográfico foi utilizado:
  - Câmera: Nikon D7500
  - Lente: Nikkor AF-S 18-140mm 1:3.5-5.6G
- Programa de edição e tratamento de imagens:
  - Adobe Lightroom Classic CC
- E para a diagramação:
  - Adobe InDesign CC

- Impressão do fotolivro:
  - Dimensão: 30 x 21 cm
  - Capa
  - 32 páginas no miolo
  - Impressora jato de tinta

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho teve como principal objetivo mostrar através das fotografias nele exposto como a força feminina consegue romper barreiras em espaços conservadores como o da agricultura familiar. *Elas* traz em suas páginas retratos reais de mulheres fortes que conseguiram seguir em frente e mudar suas vidas trabalhando dentro de suas hortas, plantando, colhendo e comercializando suas produções independentes, sem a presença de uma figura masculina.

Conhecer mais sobre a vida dessas quatro mulheres me fez voltar ao passado, ao lembrar as diversas histórias contadas pela minha mãe sobre a relação que o meu avô materno tinha com as suas filhas e a sua esposa, minha avó. Naquele espaço o conservadorismo tomava conta de todas as áreas e nenhuma das mulheres presentes na casa podia realizar trabalhos braçais. A elas eram direcionado apenas os serviços domésticos ou os mais “delicados”. Por anos ouvi minha mãe reclamar da postura abrupta do seu pai e refletir sobre o quanto aquele posicionamento machista interferiu no seu futuro enquanto mulher.

Escrever sobre mulheres que não se sucumbiram a um sistema conservador, faz desse trabalho uma ferramenta poderosa na conscientização de outras mulheres que ainda são subjugadas e minimizadas em espaços como os vividos por Dona Lourdes, Adriana, Néia e Tayná.

Após dias de conversa com as entrevistadas e leituras realizadas para concepção deste trabalho, foi possível constatar que as mulheres desempenham múltiplos papéis dentro do universo da agricultura familiar, sendo responsáveis não apenas pela produção de alimentos, mas também pela gestão dos recursos naturais, pela preservação do conhecimento tradicional e pelo cuidado com a família e a comunidade. No entanto, apesar da contribuição significativa, essas mulheres ainda enfrentam desafios, como o acesso limitado a recursos produtivos, a desvalorização de seu trabalho e a falta de representatividade e vozes nas esferas de decisão.

A concepção do *Elas* foi de extrema importância para a minha formação como fotógrafo e artista. Mesmo estando há anos na área e tendo realizado outros trabalhos fotográficos com os mais variados públicos, fotografar mulheres agricultoras e contar suas histórias através das fotografias foi muito desafiador. O processo de criação deste material me fez entender para além da importância da fotografia, como a arte é capaz de transformar espaços e ocupar lugares

inimagináveis. É através de uma pesquisa e clicks que este fotolivro foi concebido, e após a sua divulgação outras mulheres poderão ter acesso a essa realidade, que motiva, inspira e emociona.

Durante o desenvolvimento deste material, foi possível observar a evolução do fotolivro ao longo do tempo, desde seus primórdios até as manifestações contemporâneas. Através dessa evolução, o fotolivro se consolidou como uma forma de arte autônoma, capaz de transcender o campo da fotografia e se tornar um objeto de fantasia por si só. É através deste produto concebido através de anos de pesquisa que as histórias dessas quatro mulheres serão contadas e chegarão a outros espaços.

Um dos principais resultados desta pesquisa é a compreensão de que o fotolivro não se limita apenas à exposição de imagens fotográficas, mas também pode incorporar narrativas, conceitos e experimentações estéticas. Ele possibilita uma experiência única para o leitor, permitindo que este seja imerso em uma história visual e interpretativa, oferecendo diferentes planos de significado.



## REFERÊNCIAS

BADGER, G. Por que fotolivros são importantes. **Revista Zum**, 2015. Disponível em: <https://revistazum.com.br/revista-zum-8/fotolivros/>. Acesso: 02 mai. 2023.

BAHIA. Superintendências de Estudos Econômicos e Sociais. Agricultura familiar: gestão e trabalho. **Revista Bahia Análise e Dados**, v. 24, n. 3, set, 2014.

BRASIL. Ministério da Agricultura. Agricultura familiar. Disponível em: [www.gov.br/agricultura/pt-br/assuntos/mda/agricultura-familiar-1](http://www.gov.br/agricultura/pt-br/assuntos/mda/agricultura-familiar-1). Acesso: 19 abr. 2023.

BRASIL. Ministério da Agricultura. Disponível em: <https://www.gov.br/pt-br/noticias/agricultura-e-pecuaria/2020/10/mais-mulheres-estao-presentes-na-agricultura-familiar-mostra-estudo-da-conab>. Acesso: 02 mai. 2023.

CESARATO, Alessandra. **A história dos fotolivros**. Disponível em: <https://www.domestika.org/pt/blog/5997-a-historia-dos-fotolivrosika>. Acesso em: 09 mai. 2023.

COUTO FILHO, Vitor de A. **Agricultura familiar e desenvolvimento territorial: um olhar da Bahia sobre o meio rural brasileiro**. Editora Garamond, 2007.

Ddez.com.br - **Feira da Agricultura Familiar de Caculé**. Disponível em: <https://ddez.com.br/2019/09/02/feira-em-cacule-mostra-a-forca-da-agricultura-familiar-no-sertao-baiano/>. Acesso: 02 mai. 2023.

GUBERT, Flavia Piccinin Paz et al. **Empoderamento feminino na agricultura familiar**. 2020. Disponível em: <https://revistafitos.far.fiocruz.br/index.php/revista-fitos/article/view/888>. Acesso em: 19 abr. 2023.

IBGE, Diretoria de Pesquisas, Coordenação de População e Indicadores Sociais, Estimativas da população residente com data de referência 1o de julho de 2021.

IBGE – Censo Agropecuário, 2017. Disponível em: <https://sidra.ibge.gov.br/pesquisa/censo-agropecuario/censo-agropecuario-2017/resultados-definitivos#caracteristicas-produtores>. Acesso em: 19 abr. 2023.

LAMARCHE, H. (coord.) **L'agriculture familiale. 1. Une réalité polymorphe**. Paris, L'Harmattan, 1993. 304 p. 2. Du mythe à la réalité. Paris, L'Harmattan, 1993. 303 p.

LAMPERT, Letícia. **Fotolivro ou livro de artista? Eis a questão**. Dobras Visuais, 09 de jun. 2015. Disponível em: <http://www.dobrasvisuais.com.br/2015/06/fotolivro-ou-livro-de-artista-eis-a-questao-por-leticia-lampert/>. Acesso em: 19 abr. 2023.

Portal Gov.Br - **Visibilidade às mulheres do campo**. Disponível em: <https://www.gov.br/pt-br/noticias/agricultura-e-pecuaria/2021/03/visibilidade-as-mulheres-do-campobr>. Acesso em: 19 abr. 2023.

Portal Gov.Br - Programa de Aquisição de Alimentos. Disponível em:  
<https://www.gov.br/cidadania/pt-br/acoes-e-programas/inclusao-produtiva-rural/paa>  
Acesso: 02 mai. 2023.

ROUILLÉ, André. **A fotografia entre documento e arte contemporânea**. São Paulo: SENAC, 2009.

SACCONE, V. **Procuram-se leitores para fotolivros**. Folha de S. Paulo, São Paulo, set. 2015. Disponível em:  
<https://entretempos.blogfolha.uol.com.br/2014/12/17/procuram-se-leitores-para-fotolivros/>. Acesso em: 19 abr. 2023.

SANTOS, Elton Andrade dos; NETO, Agripino Souza Coelho. Panorama dos Fluxos Migratórios na Dinâmica de Urbanização dos Cerrados Baianos: um olhar para as cidades de Barreiras e Luís Eduardo Magalhães. **Geografia (Londrina)**, v. 30, n. 1, p. 205-225, 2021.

SILVA, JR da; JESUS, P. de. Os desafios do novo rural e as perspectivas da agricultura familiar no Brasil. In: **CONGRESSO NORTE-NORDESTE DE PESQUISA E INOVAÇÃO (CONNEPI)**. 2010.

SOUZA, Katiane de; PLEIN, Clério. **A participação das mulheres no cooperativismo de crédito solidário: o caso da Cresol no sudoeste do Paraná**. In: MENDONÇA, Paulo Rogério de. Saberes da cooperação. Francisco Beltrão - Pr: Grafisul Gráfica e Editora Ltda, 2015. p. 293-321.

DOBAL, Susana. **Sete sintomas de transformação da fotografia documental**. Ícone, v. 14, n. 1, 2012.

LOMBARDI, Kátia Hallak. **Documentário Imaginário: reflexões sobre a fotografia documental contemporânea**. Discursos Fotográficos 4.4 (2008): 37-43.